

JIM MARRS

OS
ILLUMINATI

INTRODUÇÃO

Hesitante, o candidato avançava pelo longo e escuro corredor. Era o dia da sua iniciação e tanto o medo como a expectativa faziam-lhe despontar o suor na testa. A sua ansiedade não parara de aumentar à medida que se entranhava no imenso castelo medieval, com as suas características quatro torres e fosso circundante.

Ao entrar num imenso salão coberto de panos negros, descobriu que os elaborados candelabros estavam apagados. Sob a fraca luz dos candelabros ao longo das paredes, apenas conseguia discernir o que pareciam ser cadáveres envoltos em mortalhas. Mas eles moviam-se. Em silêncio. Deixando um cheiro desagradável no ar.

No centro do salão escuro era visível um misterioso altar atarracado, feito de esqueletos humanos. O candidato encolheu-se quando duas das figuras amortalhadas se aproximaram dele e lhe amarraram na testa uma fita cor-de-rosa manchada de sangue. Penduraram-lhe um crucifixo e um amuleto à volta do pescoço. Retiraram-lhe a roupa e, no corpo nu, pintaram-lhe cruces com sangue. Ele estremeceu, sem se atrever a mexer-se, quando os seus órgãos genitais foram amarrados com um cordel.

Cinco outras figuras amortalhadas aproximaram-se, manchadas de sangue e a murmurar de modo incoerente. Prostraram-se em súplica, como que em oração. Surgiu uma luz repentina quando uma pira funerária foi acesa. De olhos arregalados, o candidato viu as suas roupas serem lançadas para o fogo. Enquanto a pira ardia, um grande vulto pareceu surgir das chamas. A voz estrondosa de um iniciador sacerdotal fez-se ouvir. Baixa, mas distintamente. Com grande autoridade. O iniciado não conseguiu determinar a sua origem, mas deu por si a repetir as palavras do juramento:

Em nome do crucificado, juro romper todos os vínculos que me unem a mãe, irmãos, irmãs, mulher, parentes, amigos, amante, reis,

superiores, benfeitores ou qualquer outro homem a quem prometi fé, serviço ou obediência;

Nomeio o lugar em que nasci. Doravante, vivo noutra dimensão, que não alcançarei até que renuncie ao globo do mal que foi amaldiçoado pelo Céu;

De agora em diante, revelarei ao meu novo chefe tudo o que ouvi ou descobri; e também procurarei e observarei coisas que de outra forma me poderiam ter escapado;

Honro a *aqua tofana* [um veneno desenvolvido por Giulia Tofana, executada em Roma em 1659 por matar os maridos de mulheres vítimas de abuso]: é um meio rápido e essencial de eliminar desta Terra, por meio da morte ou da privação do seu juízo, aqueles que se opõem à verdade e aqueles que tentam tirá-la das nossas mãos;

Evitarei Espanha, Nápoles e todas as outras terras amaldiçoadas e evitarei a tentação de trair o que agora escutei;

O raio não será tão rápido como a adaga que me atingirá, onde quer que eu esteja, se eu trair a minha iniciação.

Em seguida, um candelabro de sete braços, com sete velas negras, foi colocado diante do candidato, juntamente com uma tigela que continha sangue humano. O candidato lavou-se no sangue e chegou mesmo a beber uma parte dele. O cordel ao redor dos seus órgãos genitais foi retirado e ele foi colocado numa banheira para se sujeitar a uma ablução total, após o que lhe foi servida uma refeição de legumes de raiz.

Assim era descrita uma cerimónia de iniciação dos Illuminati no Château d'Ernonville, perto de Paris, num livro de 1789 intitulado *Essai sur la Secte des Illuminés* (Ensaio sobre a Seita dos Illuminati), de Jean-Pierre-Louis de Luchet.

Para uma aproximação visual a estes ritos sob um ponto de vista mais moderno e erótico, o leitor poderá ver o controverso filme de Stanley Kubrick *De Olhos Bem Fechados*. De particular interesse é o facto de este ter sido o último filme do realizador (morreu em 1999, antes do seu lançamento) e filmado em Mentmore Towers, um edifício construído nos arredores de Londres entre 1852 e 1854 como casa de verão de um empresário inglês, o barão Mayer de Rothschild. Muitos acreditam que os rituais sensuais representados refletem acontecimentos reais que têm

lugar no seio dos Illuminati de hoje. Se a assustadora iniciação acima descrita parecer estranha e antiquada, pensemos nos escassos pormenores tornados públicos sobre a Ordem do Capítulo 322 da sociedade secreta Skull and Bones no *campus* da Universidade de Yale, que tem iniciado membros de um grupo nuclear com cerca de vinte e cinco famílias daquele a que foi chamado o «Eastern Establishment liberal»¹. Incluem-se aqui nomes tão conhecidos como Harriman, Rockefeller, Payne, Davison, Whitney, Lord, Phelps, Wadsworth, Allen, Bundy, Adams e Bush. Consta que os iniciados jazem nus num caixão a masturbar-se enquanto revelam aos restantes membros os pormenores mais íntimos das suas proezas sexuais. Falaremos mais tarde sobre esta ordem.

A Ordem foi levada da Alemanha para Yale em 1832. Será que a Skull and Bones é uma moderna encarnação dos infames Illuminati da Baviera, que tiveram uma influência tão duradoura até aos dias de hoje?

«Escreva “Illuminati” num motor de busca da Internet e acabará com um conjunto de resultados impossível, demasiado numerosos e contraditórios para lhe serem de qualquer utilidade», observava o autor William H. McIlhany, que, depois de pesquisas no Museu Britânico e em Ingolstadt, Alemanha, escreveu uma «introdução» aos Illuminati para a revista *The New American*. «Uma busca em Ask.com gera 1,4 milhões de entradas, enquanto a mesma busca no Google produz 12 milhões e, no Yahoo!, resulta em 33 milhões! Uma pequena percentagem destes resultados refere-se a documentos históricos genuínos e investigações fiáveis de estudiosos respeitáveis, mas a maioria, infelizmente, não passa de ficção fantasiosa (dos géneros ficção científica ou aventura-mistério-ação) ou de informação errónea e desinformação intencional, sob a capa de factos e de erudição séria.»

Então, o que são exactamente os Illuminati?

Muitos investigadores e peritos da Internet continuam a encarar os lendários Illuminati da mesma forma que Robert Kiyosaki, o empresário e consultor financeiro estado-unidense, autor de *Rich Dad, Poor Dad*, que os descreve da seguinte forma:

¹ Eastern Establishment é o nome dado ao conjunto das universidades e instituições financeiras de elite das principais cidades do Nordeste dos Estados Unidos. (*N. do T.*)

Os Illuminati começaram como uma sociedade secreta sob a direção de padres jesuítas. Mais tarde, um conselho de cinco homens, um por cada uma das pontas do pentagrama, formou aquilo a que se chamou Os Antigos e Iluminados Videntes da Baviera. Eram maçons luciferianos de alta ordem, completamente imersos no misticismo e nas disciplinas mentais orientais, que procuravam desenvolver os superpoderes da mente. O seu alegado plano e objetivo é o domínio do mundo para o seu senhor — o caído Lúcifer. Os Illuminati são alegadamente a principal força motivacional que tenta impor uma governação global, uma religião unimundial e o controlo centralizado dos sistemas económicos do mundo. Organizações como as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Tribunal Penal Internacional são vistas como tentáculos dos Illuminati. Estes últimos são a força motriz por trás da lavagem ao cérebro das massas irracionais, de um controlo mental flagrante, da manipulação de crenças, da estupidificação científica da sociedade, do envenenamento químico dos alimentos, da água e do ar (cancros mundialmente conhecidos como os sais de alumínio, o aspartame, o fluoreto de sódio, a melamina, etc.); além disso, consta que os Illuminati detêm o controlo total dos média convencionais do mundo moderno, de todas as informações, todos os alimentos, todo o dinheiro, da maioria das forças militares do mundo. Os principais veículos dos Illuminati são os grandes bancos e a manipulação de todo o dinheiro e riqueza do planeta. Os Illuminati têm um conselho privado de elite, delegados ligados entre si que controlam os principais bancos do mundo. Criam inflações, recessões, depressões e manipulam os mercados mundiais, apoiando certos líderes e golpes de estado e sabotando outros para alcançar os seus objetivos. O propósito por trás da conspiração dos Illuminati passa por criar e depois gerir crises que convençam as massas de que o globalismo, com o seu controlo económico centralizado e ética religiosa unimundial, é a solução necessária para os problemas do mundo. Esta estrutura, geralmente conhecida como A Nova Ordem Mundial, será, obviamente, governada pelos Illuminati. Existem muitas profecias do fim dos tempos na Bíblia que são interpretadas pela maioria como apontando para um governo, sistema monetário e religião unimundiais. Muitos intérpretes das profecias bíblicas veem esta «Nova Ordem Mundial» como sendo controlada pelo Anticristo,

o falso Messias do fim dos tempos. Todavia, todos os que acreditam em Cristo devem lembrar-se disto: Deus permitiu soberanamente todos estes desenvolvimentos, e eles fazem parte do Seu plano geral. É Deus quem controla, não os Illuminati.

Mas será que é realmente tudo isto?

Muitos não acreditam que os Illuminati fossem mais do que uns quantos intelectuais setecentistas a divertir-se com uma sociedade secreta só sua. Os céticos, como o jornalista britânico David Aaronovitch, autor de *Voodoo Histories: The Role of the Conspiracy Theory in Shaping Modern History*, escreveram que estas crenças numa conspiração mundial abrangente são «formuladas pelos politicamente derrotados e assumidas pelos socialmente derrotados». Por outras palavras, pelos falhados.

«Os Illuminati tornaram-se uma pedra de toque para todos os tarados pseudo-históricos, delirantes, direitistas, fundamentalistas, adeptos de milícias, e o termo é atualmente usado como sinónimo de toda uma variedade de fanatismo antissemita, racista, homofóbico e desagradável, mas isto simplesmente revela a pobreza intelectual do paranoico movimento da conspiração», proclamava o autor Joel Levy no seu pequeno volume de 2012 *The Little Book of Secret Societies: 50 of the World's Most Notorious Organizations and How to Join Them*. Levy, todavia, poderá não ter andado longe da verdade quando acrescentou: «Na realidade, os Illuminati da Baviera foram um grupo de curta duração, de pouca importância em termos práticos, embora as suas ideias e objetivos [...] possam ter exercido uma importante influência nos subsequentes desenvolvimentos intelectuais e sociais.»

A New England Skeptical Society (NESS) também encara os Illuminati como meros sonhos febris de reacionários obcecados com conspirações. Segundo esta sociedade: «Na mente paranoica, os Illuminati alcançaram os seus objetivos e encontram-se agora infiltrados em todos os governos e em todos os aspetos da sociedade. São responsáveis por todo o mal e por toda a injustiça que possa ocorrer seja onde for; o facto de não ser possível encontrar absolutamente nenhuma prova da sua existência apenas serve para os tornar mais fortes e assustadores. Eles são o demónio no armário e provavelmente nunca hão de desaparecer do mundo de fantasia paranoica dos direitistas defensores da teoria da conspiração.»

Num artigo para a NESS, o Dr. Steven Novella explicava que as teorias da conspiração existem porque «os seres humanos possuem uma bem documentada propensão para o reconhecimento de padrões. Procuramos padrões como uma forma de entender o mundo complexo que nos rodeia. Às vezes, vemos padrões que não existem. O ser humano possui igualmente uma paranoia natural e evolutivamente adaptativa».

Ele revela-se como um empenhado desmistificador da conspiração ao admitir que «uma sondagem do *New York Times* em 1992 [mostrava que] 77% dos americanos têm a crença claramente errada de que o assassinio de JFK foi fruto de uma conspiração». Segundo ele, «O homicídio de JFK teve consequências enormes; como tal, não pode ter sido o ato insano de um louco solitário. Deve ter tido uma causa igualmente enorme — uma conspiração. A maneira mais elegante de ver as coisas é que simplesmente vivemos num mundo maluco e, por vezes, as coisas acontecem».

Novella esqueceu-se de referir que uma sondagem da Gallup Poll realizada em 2003 indicava que 75% dos inquiridos ainda acreditam que a morte de Kennedy envolveu mais do que um indivíduo solitário. Hoje em dia, a maioria das pessoas reconhece a existência de uma conspiração naquela tragédia. A maior parte da sociedade estado-unidense atual nunca ouviu falar dos Illuminati, exceto por meio dos média de entretenimento, e esta maioria não está minimamente interessada. Os suficientemente instruídos para já terem lido alguma coisa sobre os Illuminati enquadram-se de um modo geral em duas categorias distintas: na primeira estão aqueles que, como o Dr. Novella, se apegam a uma teoria da coincidência histórica. Argumentam que nada é planeado, as coisas más acontecem e, de um modo geral, não são mais do que o resultado de um mau planeamento, de ganância ou má-fé.

Quem acredita em coincidências é o historiador Mitch Horowitz, que se descreve a si mesmo como um estudante de longa data da espiritualidade esotérica e do oculto, e escreveu no início de 2016 sobre os teóricos da conspiração. Segundo ele: «Em vez de procurar políticas grosseiramente deficientes, governação negligente e repressiva, guerras fúteis e horríveis e incompetência administrativa, eles procuraram uma resposta mais fácil na existência de uma “mão oculta” — anti-igreja, antimonárquica e de alcance transnacional. Os defensores da teoria da

conspiração tiveram poucas dificuldades em associar esta visão a antigas posturas antisemitas e xenófobas.

{...} Permitam-me que seja claro: A concentração de riqueza e de poder no mundo de hoje resulta de políticas corrompidas e de uma falta de responsabilização e de transparência — não de linhagens de riqueza, cabalas clandestinas ou clubes secretos, um tema que nos leva necessariamente a muitos lugares escuros e a nenhum progresso político.»

Concluía deste modo: «Não, Virginia, as sociedades secretas não governam o mundo. A política fraudulenta e a apatia dos cidadãos são a causa dos nossos dilemas atuais. Não precisamos de desmascarar elites de capa e espada: precisamos de um público que exija uma responsabilização e que compreenda onde se encontram os verdadeiros problemas.»

A argumentação de Horowitz é muito bonita, mas um exame atento à segunda categoria daqueles que já ouviram falar sobre os Illuminati — aqueles que defendem a ideia de que o mundo está a ser rigidamente controlado por um punhado de poderosas personagens — não pode ser descartado com tanta ligeireza se tivermos em consideração um estudo realizado em 2011 na Suíça, que confirmou os piores receios dos teóricos da conspiração.

A ideia de que um pequeno grupo internacional de indivíduos interligados pode controlar o mundo das finanças e do comércio foi confirmada por cientistas do Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique. Combinando a matemática usada para a modelação de sistemas naturais com dados corporativos abrangentes, identificaram os proprietários de quarenta e três mil empresas transnacionais. Partindo de uma base de dados com 37 milhões de empresas e investidores, a equipa suíça construiu um modelo de quais empresas controlavam outras por meio de redes de participações, juntamente com as receitas operacionais de cada empresa, para assim mapear a estrutura do poder económico.

Na análise dos relacionamentos entre estas empresas transnacionais, a equipa identificou um grupo relativamente pequeno de empresas — principalmente bancos — com um controlo centralizado sem precedentes sobre a economia global.

O estudo suíço, publicado na edição de 19 de outubro de 2011 da *New Scientist*, revelava «um núcleo de 1318 empresas de propriedade interligada. Cada uma dessas empresas tinha vínculos com duas ou mais

empresas e, em média, estava ligada a 20. Além disso, embora representassem 20% da receita operacional global, estas 1318 pareciam possuir coletivamente, por meio das suas ações, a maioria das grandes empresas mundiais de alto rendimento e produção — a economia “real” —, representando outros 60% da receita global».

Um dos autores do estudo, o Dr. James B. Glattfelder, afirmava: «Quando a equipa desenredou ainda mais a rede de propriedade, descobriu que grande parte dela ia dar a uma “superentidade” constituída por 147 empresas ainda mais interligadas — nas quais toda a propriedade era detida por outros membros da superentidade — que controlavam 40% da riqueza total da rede. Efetivamente, menos de 1% das empresas conseguiam controlar 40% de toda a rede.» Os investigadores suíços limitaram o seu estudo apenas às empresas e nunca procuraram determinar as relações familiares, sociais, comerciais e de sociedades secretas entre proprietários e acionistas.

Glattfelder acrescentava: «A realidade é tão complexa que temos de nos afastar dos dogmas, sejam eles as teorias da conspiração ou o mercado livre. A nossa análise é baseada na realidade.»

A História tende a apoiar a visão conspiratória. Basta olhar para os acontecimentos mundiais e nacionais e colocá-los num contexto histórico para ver os sinais reveladores da conspiração. Um número crescente de indivíduos vê atualmente a história humana como uma longa série de conspirações. Os acidentes acontecem constantemente. Os aviões caem, os carros chocam ou despistam-se, os navios afundam-se e há quem caia de uma escada. Mas, se uma ação não pode ser atribuída a um acidente ou a uma catástrofe natural, então, alguém a planeou. É uma conspiração. O presidente Franklin D. Roosevelt observou certa vez: «Na política, nada acontece por acaso. Se acontece, podemos apostar que foi planeado dessa maneira.»

Outras figuras mundiais têm dado a sua opinião quanto às conspirações. Em 1856, o primeiro-ministro britânico Benjamin Disraeli dizia à Câmara dos Comuns: «É inútil negar, porque é impossível ocultar, que grande parte da Europa — toda a Itália e França e uma grande parte da [então fragmentada] Alemanha, para não falar de outros países — se encontra coberta por uma rede dessas sociedades secretas. [...] E quais são os seus objetivos? Elas não tentam escondê-los. Elas não querem um

governo constitucional [...] querem mudar a posse da terra, expulsar os atuais proprietários da mesma e acabar com os estabelecimentos eclesiásticos [igrejas].»

«Os acontecimentos mundiais não ocorrem por acaso ou acidente. São provocados, por motivos nacionais ou comerciais; e a maioria deles é encenada e gerida por quem segura os cordões da bolsa», explicava Denis Healey, ministro do Partido Trabalhista e ex-secretário de estado da Defesa britânico.

Já em 1922, o então presidente da Câmara de Nova Iorque, John F. Hylan, declarava: «A verdadeira ameaça à nossa república é o governo invisível que, qual polvo gigante, estende os seus tentáculos viscosos sobre a nossa cidade, estado e nação. [...] À cabeça deste polvo estão os interesses da Rockefeller-Standard Oil e um pequeno grupo de poderosas casas bancárias geralmente conhecidas como banqueiros internacionais [que] virtualmente dirigem o governo dos EUA de acordo com os seus objetivos egoístas.»

O presidente John F. Kennedy referiu a questão delicada do controlo das sociedades secretas num discurso perante a American Newspaper Publishers Association a 27 de abril de 1961, quando afirmou: «A própria palavra “segredo” é repugnante numa sociedade livre e aberta; e nós, enquanto povo, somos inerente e historicamente opostos às sociedades secretas, aos juramentos secretos e aos procedimentos secretos. Decidimos há muito tempo que os perigos da ocultação excessiva e injustificada de factos pertinentes superam largamente os perigos indicados para a justificar.»

Kennedy prosseguia deste modo: «Somos confrontados em todo o mundo com uma conspiração monolítica e implacável que se baseia principalmente em meios secretos para expandir a sua esfera de influência — infiltração em vez de invasão, subversão em vez de eleições, intimidação em vez de livre escolha, guerrilhas noturnas em vez de exércitos diurnos. É um sistema que recrutou vastos recursos humanos e materiais para a construção de uma máquina extremamente coesa e eficaz que combina operações militares, diplomáticas, de informação, económicas, científicas e políticas. Os seus preparativos são ocultados, não publicados. Os seus erros são enterrados, não chegam às manchetes. Os seus dissidentes são silenciados, não elogiados. Nenhuma despesa é questionada, nenhum rumor é impresso, nenhum segredo é revelado.»

Na altura, eram muitos os que pensavam que Kennedy estava a falar apenas sobre a expansão do comunismo, mas, considerando as ligações entre comunismo e iluminismo, juntamente com a sua referência às sociedades secretas, parece que Kennedy talvez soubesse mais sobre o controlo no seio do governo dos EUA do que a maioria das pessoas poderia ter pensado.

Afinal, o seu pai, Joseph P. Kennedy, era citado na edição de 26 de julho de 1936 do *New York Times* como tendo dito: «Cinquenta homens dirigem a América, e isto é um número elevado. Cinquenta homens [...] têm em seu poder, em virtude da riqueza que controlam [...] [a capacidade de] paralisar todo o país, visto que controlam a circulação da moeda e podem criar o pânico sempre que o entenderem.» Aparentemente, a família Kennedy compreendia melhor do que a maioria as sociedades secretas e as irmandades existentes sob a superfície da vida americana.

Outro membro do governo que confirmou a existência de uma conspiração foi o primeiro Secretário de Defesa dos EUA, James Forrestal, que pode ter pago com a própria vida a sua franqueza. A partir de 1947, Forrestal começou a manifestar a sua preocupação com o facto de os líderes do governo estarem constantemente a tomar decisões que não eram do melhor interesse do país. «Estes homens não são incompetentes nem estúpidos. São astutos e brilhantes. A consistência nunca foi um sinal de estupidez. Se eles fossem meramente estúpidos, ocasionalmente cometeriam um erro a nosso favor», observou ele. Em 1949, Forrestal, alegadamente num estranho torpor, foi enviado para o Hospital Naval de Bethesda por ordem do presidente Harry S. Truman. No dito hospital, caiu, saltou ou foi atirado de uma janela do décimo sexto andar, ao encontro da morte.

Mais recentemente, em 1973, o coronel L. Fletcher Prouty, que serviu como oficial de ligação entre o Pentágono e a CIA entre 1955 e 1963, teve a oportunidade de presenciar os mecanismos de controlo exercidos sobre os serviços de informação e os militares, e escreveu a respeito de uma «equipa secreta» que controlava os Estados Unidos como um «santuário interno de uma nova ordem religiosa» e apenas respondia a si mesma. «O poder desta equipa resulta da sua vasta infraestruturura secreta intragovernamental e da sua relação direta com grandes indústrias privadas, fundos mútuos e casas de investimento, universidades e meios

de comunicação, incluindo editoras estrangeiras e nacionais», explicou Prouty, acrescentando: «Todos os verdadeiros membros da equipa permanecem no centro do poder, seja em cargos oficiais com a administração atual ou em posições oficiosas com o núcleo duro. Eles simplesmente alternam entre os cargos oficiais e o mundo dos negócios ou o agradável abrigo da academia.»

E não podemos esquecer o Dr. Carroll Quigley, um preeminente historiador — professor de História na Foreign Service School da Universidade de Georgetown e mentor académico do presidente Bill Clinton —, que escreveu no seu livro *Tragedy and Hope*: «Existe atualmente e há já uma geração uma rede anglófila internacional que atua, até certo ponto, exatamente como a direita radical acredita que os comunistas agem. Conheço as operações dessa rede porque a estudei durante 20 anos e, durante o início da década de 1960, foi-me permitido examinar os seus documentos e registos secretos. Não lhe tenho aversão nem à maioria dos seus objetivos e, durante grande parte da minha vida, movi-me nas suas proximidades e de muitos dos seus instrumentos. [...] Em geral, a minha principal diferença de opinião é que ela pretende permanecer desconhecida e eu acredito que o seu papel na História é suficientemente importante para ser conhecido.»

James Paul Warburg, filho de Paul Moritz Warburg, primeiro presidente do Sistema da Reserva Federal e nascido na Alemanha, descaiu-se em 1950 quando declarou a uma comissão do Senado: «Teremos um governo mundial, quer nos agrade quer não. A única questão é se este governo mundial será alcançado por conquista ou por consentimento.»

Os indivíduos acima referidos são homens credíveis e estavam em posição de conhecer o tema sobre o qual falavam. Investigadores contemporâneos menos conhecidos também veem em marcha uma conspiração destinada a controlar o mundo.

Depois de considerar a progressão da história recente, Ken Adachi, editor do *site* Educate Yourself, via o termo «Nova Ordem Mundial» como sinónimo de «uma conspiração mundial orquestrada por um grupo extremamente poderoso e influente de *indivíduos geneticamente relacionados* [ênfase no original] (pelo menos nos níveis mais elevados), que inclui muitas das pessoas mais ricas do mundo, os principais líderes políticos e a elite corporativa, bem como os membros da denominada Nobreza Negra

da Europa (dominada pela Coroa britânica), cujo objetivo é criar um Governo Único Mundial (fascista), destituído de fronteiras nacionalistas e regionais, que obedeça à sua agenda. Tem como intenção controlar completa e totalmente todos os seres humanos do planeta e reduzir drasticamente a população mundial para 500 milhões de pessoas». Poder-se-á referir que o termo «Nova Ordem Mundial» foi usado tanto pelo presidente George H. W. Bush como por Adolf Hitler.

Johnny Cirucci, um *marine* de carreira, publicou em 2015 um livro intitulado *Illuminati Unmasked: Everything You Need to Know about the “New World Order” and How We Will Beat It*. Cirucci seguiu a linha-gem dos Illuminati desde a antiga Babilónia até ao presente. Também referiu algumas das acusações mais notórias contra os Illuminati modernos.

Cirucci descreve «como os Illuminati cooptaram os Estados Unidos em todos os níveis do governo; as chocantes ligações de Barack Obama com esta Religião-Mistério — e não é o islão; como a política americana foi manipulada e quem tem o poder de controlar todos os níveis do seu governo; todas as ameaças externas aos EUA — imigração ilegal, pandemias, terrorismo — orquestradas pelas mesmas pessoas; quem esteve realmente por trás do 11 de Setembro e como planeia fazer muito pior; os principais líderes dos EUA, de ambos os partidos, vergam-se a este poder secreto; os dias mais negros dos EUA levam-nos direitos a eles. Patriotas americanos foram incriminados e assassinados por eles e o homicídio é a sua especialidade».

É fácil descartar como teoria da conspiração qualquer tema que se oponha às crenças nucleares de um indivíduo. No entanto, como foi referido, as crenças não são um argumento válido. Embora todos tenham direito às suas, tal não constitui conhecimento. Por exemplo, apesar das evidências de falsificação, Adolf Hitler acreditava que os muito difamados *Protocolos dos Sábios Anciãos de Sião* eram um documento genuíno. Em *Mein Kampf*, ele escreve: «São alegadamente uma “falsificação”; o *Frankfurter Zeitung* geme e clama ao mundo uma vez por semana; a melhor prova de que eles afinal são genuínos [...] a melhor crítica que lhes podemos apontar é a realidade. Quem examinar o desenvolvimento histórico dos últimos cem anos, do ponto de vista dos [*Protocolos*], também entenderá de imediato o clamor da imprensa judaica. Porque,

assim que este livro se tornar propriedade comum de um povo, o perigo judaico deve ser considerado desfeito.»

Hitler pressentia uma conspiração real, mas no seu sistema de crença esta conspiração tinha a sua origem nos judeus. Alguns investigadores acreditam na existência de provas que indicam que *Os Protocolos* podem ter sido originalmente um documento dos Illuminati, apenas posteriormente forjados como propaganda anti-judaica. Haverá mais a dizer sobre isto mais adiante.

Para contribuir para toda esta confusão, certos indivíduos na Internet parecem lá estar apenas para negar, denegrir e, de um modo geral, desestabilizar conversas legítimas sobre sociedades secretas, mas em especial sobre os Illuminati. Conhecidos como *trolls*, alguns são na realidade pagos por agências governamentais ou organizações privadas — fundações e entidades corporativas —, ao passo que muitos outros não passam de pessimistas tacanhos e argumentativos. Começemos por dar uma vista de olhos à palavra «conspiração».

Esta palavra vem do latim *conspirare*, que literalmente significa «respirar em conjunto». Numa edição de 1940 do *The Modern Webster Dictionary*, a palavra «conspiração» é definida simplesmente como «uma trama». Os termos «plano» ou «trama» são palavras essencialmente neutras. Uma festa-surpresa por ocasião de um aniversário é um plano que não é do conhecimento do homenageado. Mas não é sinistra nem maléfica.

Após o assassinio do presidente John F. Kennedy em 1963, muitas pessoas acreditaram que a sua morte resultara de uma conspiração e não de um assassino louco e solitário, como proclamado pela Comissão Warren do governo federal. Em resposta a esta crescente crença, em abril de 1967, um funcionário da CIA chamado Clayton P. Nurnad escreveu um despacho para os «chefes, certas estações e bases» da agência. O despacho foi classificado como «psych» e «CS» — o primeiro uma abreviatura de «operações psicológicas» ou «desinformação psicológica», e o segundo uma referência à unidade de «Serviços Clandestinos» da agência (documento da CIA n.º 1035-960). Este memorando revelava a intenção da CIA de classificar como teoria da conspiração irracional qualquer visão do assassinio que não estivesse de acordo com a versão oficial. Nurnad argumentava: «Só por causa do prestígio dos comissários [membros da Comissão Warren], os esforços para impugnar a sua

retidão e sabedoria tendem a lançar dúvidas sobre toda a liderança da sociedade americana. Além disso, parece existir uma tendência crescente que sugere que o próprio presidente [Lyndon] Johnson, na qualidade de única pessoa que poderia ter beneficiado, foi de alguma forma responsável pelo assassinio. Uma insinuação de tal gravidade afeta não apenas o indivíduo envolvido, mas também toda a reputação do governo americano. A nossa própria organização [CIA] está diretamente envolvida: entre outros factos, contribuímos com informações para a investigação. As teorias da conspiração levantam frequentemente suspeitas sobre a nossa organização, por exemplo, alegando falsamente que Lee Harvey Oswald trabalhava para nós.»

«O objetivo deste despacho é o de fornecer material de combate e desacreditar as alegações dos teóricos da conspiração, de modo a inibir a circulação de tais alegações noutros países», concluía Nurnad.

Um indicador da eficácia deste esforço da CIA é a primeira definição de conspiração do *Webster New Third International Dictionary* de 1986, como «um plano ilegal, traidor ou traiçoeiro para prejudicar ou destruir outra pessoa, grupo ou entidade». Atualmente, uma busca desta definição no Google produz como primeira resposta «um plano secreto de um grupo para fazer algo ilegal ou prejudicial».

Como tal, uma palavra relativamente neutra como «conspiração» — afinal, uma estratégia comercial exclusiva é uma conspiração — tornou-se um termo pejorativo usado contra qualquer um que ousasse questionar os pronunciamentos do governo quanto ao assassinio de JFK ou qualquer outra questão problemática. Até aos ataques do 11 de Setembro, que obviamente envolveram uma conspiração, o termo «teoria da conspiração» era associado pelos média corporativos a quaisquer declarações ou alegações que os ditos média considerassem antigovernamentais, talvez até antipatrióticas.

Há quem diga que «teórico da conspiração» é um termo atualmente usado como um insulto depreciativo para denegrir qualquer pessoa dotada de um raciocínio crítico.

Um desses pensadores críticos é Carl Oglesby, ativista político e autor do influente livro de 1976 *The Yankee and Cowboy War: Conspiracies from Dallas to Watergate*. Segundo ele: «A conspiração é a continuação normal da política normal por meios normais.»

Muitas teorias da conspiração, tais como alegações de uma base nazi na Lua ou de que todos os televisores estão a ser usados para nos espiar, têm falta de evidências sólidas. Outras, como questões em torno da alunagem da *Apollo 11* ou de Adolf Hitler ter sobrevivido à II Guerra Mundial, embora não tenham sido levadas em consideração pelo público em geral, não deixam de conter aspetos persuasivos e intrigantes além da história oficial. Os críticos da versão oficial dos ataques do 11 de Setembro são por sua vez criticados como teóricos da conspiração, mas a narrativa oficial da Comissão do 11 de Setembro não refere, e muito menos explica, como é que dois aviões conseguem derrubar três edifícios separados — World Trade Center um, dois e sete (este último sendo também conhecido como Salomon Brothers Building), que ruíram às 17h25m (hora local) de 11 de setembro de 2001.

De facto, no seu livro de 2009, *The Ground Truth: The Untold Story of America under Attack on 9/11*, John Farmer, conselheiro da Comissão Nacional para os Ataques Terroristas aos Estados Unidos (mais conhecida como 9/11 Commission), escrevia o seguinte: «No decurso da nossa investigação sobre a resposta nacional aos ataques, os funcionários da 9/11 Commission apuraram que a versão oficial do ocorrido naquela manhã [11 de setembro de 2001] — ou seja, o que o governo e oficiais militares haviam dito ao Congresso, à Comissão, aos média e ao público sobre quem sabia o quê e quando — era na sua *quase totalidade, e inexplicavelmente, falsa* [italico adicionado].»

Para se certificar de que não havia mal-entendidos na sua mensagem, Farmer afirmaria mais tarde: «Este livro conclui que em algum nível do governo, em dada ocasião, terá surgido a decisão de não contar a verdade sobre o que aconteceu.»

Este ceticismo, como expresso por Farmer, é saudável e deve ser encorajado. Todavia, a simples alegação de ceticismo não pode proteger sempre aqueles que se empenham em negar a conspiração. Como observou Jonathan Elinoff, ao escrever para Infowars.com: «Os céticos são importantes para obtermos uma visão objetiva da realidade. Todavia, ceticismo não é o mesmo que reforçar a história oficial. Com efeito, uma teoria da conspiração pode ser defendida como uma alternativa à história oficial dos acontecimentos. Como tal, quando os céticos tentam ridicularizar uma teoria da conspiração ao usar a história oficial como

meio de provar que a conspiração está errada, na verdade, estão apenas a reforçar a visão “*mainstream*” original da história e, na realidade, não estão a ser céticos.»

Elinoff afirmou que é comum os «artigos detratores» ou «artigos de desmistificação» terem como alvo as teorias da conspiração mais marginais. «Isso, por sua vez, faz com que todas as teorias relativas a um tema pareçam loucas», escreveu ele. «As revistas *Skeptic* e *Popular Mechanics*, entre muitas outras, fizeram isto com o 11 de Setembro. Referiram menos de 10% das muitas e diferentes teorias da conspiração sobre o 11 de Setembro e escolheram as menos populares — na verdade, escolheram as questões marginais e extremamente improváveis que apenas algumas pessoas defendem. Isto foi usado como a “investigação definitiva” para examinar as teorias da conspiração. Conveniente, não?»

Elinoff juntou-se a muitos outros ao referir acontecimentos que em tempos apenas eram vistos como teorias da conspiração e que investigações posteriores revelaram ser verdadeiros. Apenas alguns exemplos incluem:

- O oficial de artilharia francês Alfred Dreyfus foi condenado por vender informações militares aos Alemães em 1894 e enviado para a Ilha do Diabo na Guiana Francesa. Dreyfus protestou a sua inocência e afirmou que estava a ser usado como bode expiatório porque era judeu. Muitas pessoas começaram a apoiá-lo, mas foram acusadas de embarcar numa teoria da conspiração. A discussão sobre o verdadeiro papel do oficial cresceu ao longo dos anos e dividiu a França. Um segundo julgamento resultou novamente num veredicto de culpado, mas, em 1906, tinham sido reunidas evidências suficientes para comprovar a sua inocência e demonstrar que oficiais militares graduados haviam mentido e fabricado provas contra ele. Dreyfus foi ilibado e reintegrado como major no exército. No entanto, o Exército francês apenas admitiria oficialmente a sua inocência em 1995.
- Após o incidente no Golfo de Tonquim em agosto de 1964, que levou o presidente Lyndon Johnson a fazer aprovar no Congresso uma resolução que lhe permitia continuar a Guerra do Vietname sem uma declaração formal de guerra, teóricos da conspiração

alegaram que não houvera um ataque aos navios de guerra dos EUA (a desculpa oficial para a guerra). Foram menosprezados e apelidados de antipatrióticos. Todavia, em 2005, a Agência de Segurança Nacional (NSA) acabaria por divulgar um estudo interno no qual se demonstrava que, dos referidos dois ataques a navios estado-unidenses, um fora instigado pelos Estados Unidos e o outro não passara de imagens falsas captadas no radar. Em 1984, o *US News & World Report* descreveria o acontecimento como «a batalha-fantasma que deu origem a uma guerra».

- No final da década de 1960, investigadores da conspiração comentavam à boca pequena que a CIA estava a assassinar os seus inimigos em todo o mundo. Cidadãos irados alegaram que os Estados Unidos nunca se envolveriam em tais atividades, apenas vistas em lugares como a Alemanha nazi e a Rússia soviética. No entanto, em 1975, durante as audiências da U. S. Senate Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities, liderada pelo senador Frank Church, ficou a saber-se que a CIA havia violado o seu estatuto, que apenas lhe permitia recolher informações fora dos Estados Unidos. A comissão tomou conhecimento do controverso «suicídio» de Salvador Allende no Chile em 1973 e da deposição (apoiada pela CIA) de Mohammad Mossadegh no Irão em 1967, bem como de outros líderes e revolucionários da América Central e do Sul. A comissão descobriu também que os agentes da CIA usavam uma variedade de métodos de homicídio essencialmente indetetáveis, como injeções cancerígenas e suicídios encenados, além de acidentes de automóvel, esquí e barco, e até uma «Arma de Ataque Cardíaco».
- Durante anos, investigadores afirmaram que os grandes meios de comunicação estado-unidenses estavam a ser infiltrados por ativos da CIA que geriam, distorciam até, as notícias. Esta atividade, a Operação Mockingbird, seria documentada pelo comité Church e, em 1977, o famoso repórter do Watergate Carl Bernstein revelou a conspiração numa bem documentada denúncia de 25 mil palavras na revista *Rolling Stone*, intitulada «A CIA e os Média».
- Alegações semelhantes, de má conduta do governo, surgiram durante as manifestações antiguerra do Vietname das décadas

de 1960 e 1970. Os ativistas da paz afirmavam que agentes provocadores do governo estavam a infiltrar-se no movimento pela paz, para causar perturbações e violência. Foram rejeitados como *hippies* teóricos da conspiração. Um programa, exatamente como o descrito, seria mantido em segredo até 1971, altura em que um grupo denominado Comissão dos Cidadãos para Investigar o FBI invadiu uma delegação do FBI em Media, Pensilvânia, e encontrou ficheiros que revelavam o Programa de Contraineligência do FBI (COINTELPRO), um projeto secreto destinado a vigiar, infiltrar, desacreditar e perturbar grupos políticos domésticos. Mesmo com estas provas disponíveis, alguns dos grandes média recusaram-se a publicar a história.

- Desde os ataques do 11 de Setembro, um número crescente de pessoas tem afirmado que os acontecimentos daquele dia foram ações de «bandeira falsa» (ações destinadas a desviar a culpa dos verdadeiros autores), instigadas por indivíduos no seio do governo dos EUA para criar um pretexto para a guerra no Médio Oriente e desgastar as liberdades civis em casa. Rejeitando tudo isto como uma teoria da conspiração, muitos argumentaram que os líderes do governo nunca apoiariam um ataque aos seus próprios cidadãos. Todavia, os documentos da Operação Northwoods, descobertos e divulgados pela Assassination Records Review Board (ARRB) do Congresso, revelaram que em 1962 a Operação Northwoods tinha sido secretamente aprovada pelos chefes de Estado-Maior. Este plano implicava afundar navios nas Caraíbas, disparar contra barcos de refugiados cubanos, desviar aviões, fazer explodir bombas em cidades americanas e até assassinar cidadãos de modo a culpar Fidel Castro e incitar um renovado apoio público a uma nova invasão de Cuba. Aparentemente, a Operação Northwoods foi interrompida apenas por ordem do presidente John F. Kennedy.
- Por falar em Kennedy, embora os meios de comunicação corporativos tenham passado anos a impingir a teoria do assassino solitário ao público estado-unidense, além de denegrirem como teóricos desmiolados aqueles que veem uma conspiração por trás da morte de JFK, sondagens nacionais iniciadas em 1964 e que se prolongaram pelo século XXI revelam que a maioria dos cidadãos

não acredita na ideia do assassino solitário. Uma sondagem da Gallup em 1963 revelava que 52% pensavam que mais de uma pessoa estaria envolvida no assassinio. Em 2001, este número tinha atingido os 81%.

Já em 1928, o famoso escritor H. G. Wells juntava-se às fileiras dos teóricos da conspiração ao proclamar diversos esquemas por trás dos acontecimentos mundiais. Escrevendo no seu livro *The Open Conspiracy*, Wells afirmava:

Além de serem uma fragmentária confusão competitiva, nenhum dos atuais governos do mundo é tão simples quanto aparenta. Eles parecem simples porque têm chefes formais e formas definidas, conselhos, assembleias de voto e assim por diante, para tomar decisões. Mas os chefes formais, os reis, presidentes e outros que tais na verdade não são quem manda. São apenas figuras de proa. Eles não decidem. Apenas fazem gestos de potente e digna aquiescência quando as decisões lhes são apresentadas. Eles são farsantes que apenas complicam. Os conselhos e assembleias também não decidem na realidade. Eles registam, muitas vezes de maneira imperfeita e exasperante, os objetivos cumulativos de forças externas. Estas forças externas realmente decisoras são sem dúvida muito intrincadas no seu funcionamento; dependem em última instância de formas religiosas e educacionais e de vagas de sentimentos gregários, mas fingir que o processo da atividade humana coletiva é simples e criar símbolos e manequins sob a forma de governantes e ditadores que encarnem essa pretensão não o simplifica de modo algum.

Outrora um socialista fabiano em Inglaterra, Wells traçou um plano para uma Nova Ordem Mundial que sugeria a influência dos Illuminati:

Ora, esboçamos nestes planos os métodos pelos quais o radicalismo confuso e as forças construtivas da atualidade podem e provavelmente serão reunidos em torno de um núcleo de sentimento religioso modernizado, num grande e variado esforço criativo. [...] Sempre que possível, a Conspiração Aberta avançará com iluminação e persuasão. Mas tem de avançar, e, logo no início, onde não for permitido iluminar e persuadir,

deve lutar. As suas primeiras lutas serão provavelmente pelo direito de difundir o seu sistema de ideias de forma clara e simples em todo o mundo.

Wells concluía: «Chegará o tempo em que os homens se sentarão com a História ou com algum jornal velho diante de si e perguntarão incrédulos: “Existiu um mundo assim?”»

Vemos nas palavras de Wells a sua sólida convicção de uma conspiração em curso, e elas ecoam a doutrina dos Illuminati para uma mudança do mundo, uma doutrina que inicialmente coincidiu com a criação dos Illuminati da Baviera em 1776, na Alemanha.

No entanto, embora muito se tenha escrito e produzido eletronicamente a respeito dos Illuminati, muito pouco chegou ao público cuja substância seja documentada.

As cortinas secretistas dos Illuminati abriram-se um pouco em 2009, quando a TrineDay publicou um livro com mais de 500 páginas do autor canadiano Terry Melanson, o qual estudou obras antigas em francês, alemão e italiano e apresentou aquela que pode bem ser a mais completa e autorizada visão da Ordem produzida até à data.

O editor da TrineDay, Kris Millegan, explicava do seguinte modo os resultados da falta de informação documentada sobre os Illuminati:

A escassez de material validado sobre este grupo secreto ajudou a criar um ferozmente adaptável fenómeno da «teoria-da-conspiração-do-dia», em que muitos utilizam os Illuminati como seu principal antagonista secreto, confundindo as águas da História e criando ondas de desinformação e de informações simplesmente erradas. Este estado de coisas, de um modo geral, serviu para ocultar a verdadeira natureza dos Illuminati e o seu lugar na História.

O falecido Robert Anton Wilson, um autor irreverente, falava, no seu livro de 1977 *Cosmic Trigger: Final Secret of the Illuminati*, sobre muitos dos mitos a respeito desta ordem da Baviera. Escreveu uma panorâmica sucinta da Ordem. Depois de apresentar uma breve sinopse da criação dos Illuminati por Adam Weishaupt em 1776 e da sua supressão pelo governo da Baviera menos de dez anos depois, Wilson escrevia:

Tem sido dito que o Dr. Weishaupt era ateu, um mágico cabalista, racionalista, místico; um democrata, socialista, anarquista, fascista; um amoralista maquiavélico, um alquimista, um totalitário e um «filantropo entusiasta». (Este último era o veredicto de Thomas Jefferson, a propósito.) Também foi dito que os Illuminati tinham gerido as revoluções Francesa e Americana nos bastidores, assumido o controlo do mundo, que eram o cérebro por trás do comunismo, que tinham existido clandestinamente até à década de 1970, adorado secretamente o diabo e outras coisas que tais. Alguns afirmam que Weishaupt nem inventou os Illuminati, mas apenas os ressuscitou. Houve quem fizesse a Ordem dos Illuminati remontar aos Cavaleiros Templários, aos cultos iniciáticos gregos e gnósticos, ao Egito e até à Atlântida. A única generalização garantida que se pode fazer é que a intenção de Weishaupt de manter o sigilo funcionou: nunca dois estudantes dos Illuminati estiveram completamente de acordo a respeito do «segredo interior» ou de qual seria (ou é...) o objetivo da Ordem. Existe um espaço infinito para especulações assustadoras e para paranoias pedantes assim que alguém realmente entra na literatura dedicada a este tema; e tem-se registado uma vaga de sensacionais «denúncias» dos Illuminati em todas as gerações desde 1776. Se acreditássemos em toda esta literatura sensacional, os malditos conspiradores bávaros seriam responsáveis por tudo o que há de errado no mundo, incluindo as crises energéticas e o facto de nem sequer conseguirmos encontrar um canalizador ao fim de semana.

Aparentemente, o nome dos Illuminati tem significado muita coisa para muitas pessoas diferentes. Mas, independentemente da sua posição, a maioria concorda que os Illuminati — e aqueles que seguem a sua doutrina — tentaram obter um certo controlo sobre os seus semelhantes, bem como sobre as instituições políticas e religiosas do seu tempo. Esta necessidade de controlar os outros não se limita aos Illuminati da Baviera. Muitas pessoas ao longo da História, desde ditadores como Hitler e Estaline até aos líderes políticos e corporativos de hoje, seguiram os princípios do iluminismo — a doutrina fundacional dos Illuminati, segundo a qual apenas eles haviam desenvolvido uma iluminação pessoal não acessível ao resto da humanidade. Esta teologia incluía o desejo de controlar os outros, agir em segredo e a noção de que o fim justifica

os meios. Assim sendo, a sombra dos Illuminati tem-se projetado até aos acontecimentos da atualidade. Como tal, consideramos que qualquer referência aos Illuminati deve distinguir entre a antiga organização da Baviera, agora extinta, e a teologia do iluminismo, que se encontra bastante viva. Mas, para compreender devidamente o iluminismo, há que seguir os antecedentes desta filosofia através da História até às suas origens.